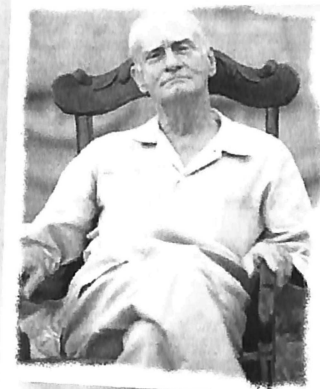


A SUMMA

REVISTA LITERÁRIA da
FACVLDADE DE DIREITO DO RECIFE



O ONTEM E O HOJE



JANEIRO DE 2007 - N. 5

DADSF - Diretório Acadêmico Demócrito de Souza Filho
Gestão Contestação - É Hora de Reconstruir

No momento em que a Faculdade de Direito do Recife se prepara para completar seus 180 anos, é com grande satisfação que o Diretório Acadêmico Demócrito de Souza Filho apresenta a 5ª edição da Revista Literária da faculdade, agora sob a consolidada denominação "A Summa".

Com a temática "O Ontem e o Hoje", esta é a contribuição literária dos alunos a este importante momento, onde grandes nomes da literatura nacional que passaram por nossa faculdade são homenageados sem, contudo, desligarmo-nos do presente de nossa gloriosa instituição através dos textos escritos pelos alunos atuais.

A construção desta edição foi democrática, mas também trabalhosa. O Diretório Acadêmico agradece, portanto, a todos aqueles que contribuíram de alguma forma para a confecção da revista.

Boa leitura!

Conselho Editorial

André Estima

Virgínia Barros

Pedro Silva

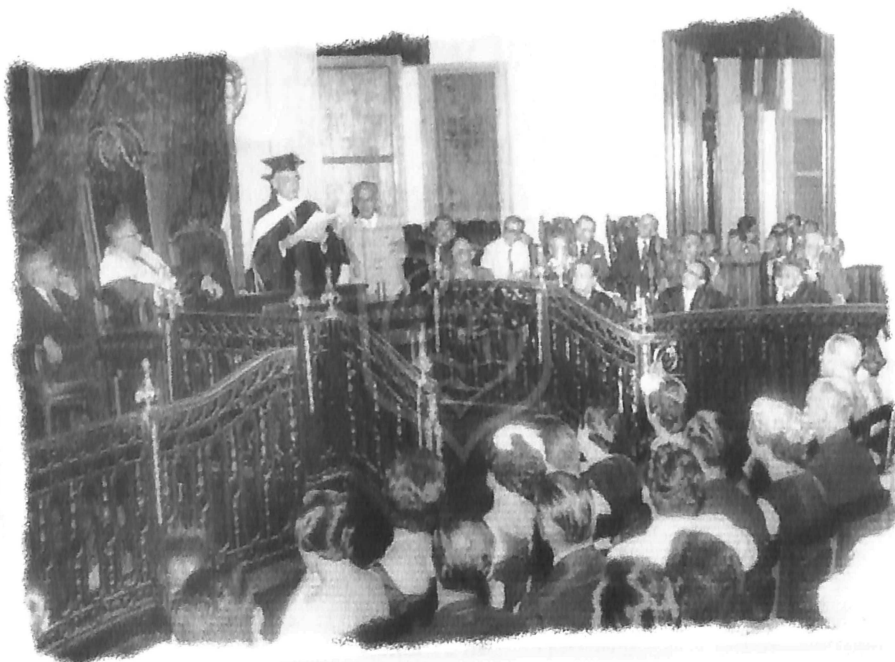
Maria Eduarda Paiva

Geraldo Vasconcelos

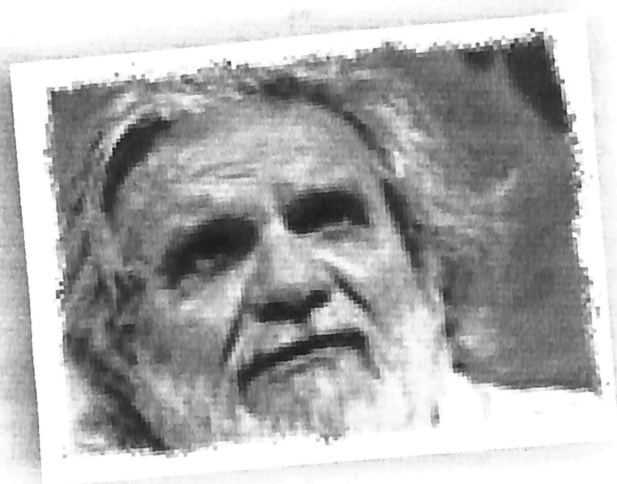
Eduardo Siebra (Ceará)

Diego Medeiros

Natália Regina



PREFÁCIO



A Nova e Eterna Faculdade por *Raimundo Carrero*

Esta publicação dos estudantes da Faculdade de Direito do Recife retoma uma tradição: o debate de idéias na vetusta casa de Tobias Barreto. Desde a sua fundação, esta faculdade tem se mostrado reveladora de grandes escritores e de notáveis mestres. Basta verificar, em princípio, que ela é sempre lembrada pelo nome dos seus ex-estudantes ou estudantes.

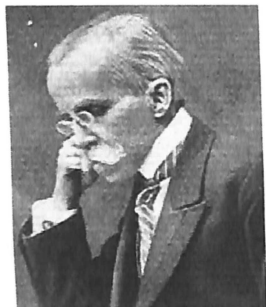
Impossível esquecer os nomes mais destacados. Mas basta lembrar Tobias Barreto e Castro Alves, no passado mais distante, ou Ariano Suassuna, Hermilo Borba Filho e Gastão de Holanda mais recentemente. Aqui eles também publicaram os seus primeiros escritos e se revelaram donos de maravilhosas questões intelectuais.

Lembro-me de um desses debates literários mais tarde publicados pela revista da faculdade, ainda na década de 50, quando Hermilo Borba Filho e Gastão de Holanda discutiam a capacidade criadora do escritor. Tenho em minhas mãos esse trabalho que, sem dúvida, enriquece a literatura pernambucana para sempre, e que estava fazendo falta à nossa gente.

A retomada de encantamento intelectual, mesmo que já venha ocorrendo há algum tempo, nos alegra a todos, sobretudo porque os seus dirigentes procuram demonstrar o ardor intelectual e força do estudante desta casa. Aqui aparecem, por exemplo, alguns nomes que sem dúvida vão marcar as artes literárias no Estado.

Direi, mesmo assim, o óbvio: não vou destacar nomes para não correr o grave risco da omissão. Mas o que interessa, sobretudo, é saudar esses estudantes que contribuem não só com a ciência do Direito asseguram a permanência de contistas e poetas num momento em que todos precisamos contribuir para a eternidade da literatura.

RUI BARBOSA



Iniciou o curso de Direito em Recife, em 1866. Ganhou prestígio como orador, jurista e jornalista defensor das liberdades civis e foi por duas vezes, candidato à Presidência da República e membro-fundador da Academia Brasileira de Letras, conhecido como "o papa do direito brasileiro".

Um dia orava Cristo em meio às oliveiras (trechos)

(...)

Deus fez a virgindade, fizemos a impureza
Nós queremos o fausto e Deus a natureza,
Criou ele o universo e o que inventamos nós
A corte, o servo, o eunuco, o sicofanta, o algoz!
Formou ele o direito, o povo, a liberdade,
O talento, a virtude, a glória, a humanidade;
Nós a força, a coroa, a infâmia da opressão
O privilégio, as honras, a guerra e a escravidão!
E quando a indignação que o seio nos consome
Brada-lhe: oh monarquia tu não és mais que um nome
Então o servilismo que o Eterno ao chão prendeu
Vendo desrespeitado o imperial Proteu
Concentra a santa cólera e endireitando o dorso
Raiva, espuma, apedreja e ostenta o vil desforço
Quereis pesar o trono saber quanto ele val?
Ide ver desfilar o cortejo real!
O rei, o grande ator, ostenta-se na frente
Após ele os comparsas em préstito indecente
E em derredor o luxo, as flores, os galões,
A etiqueta inflexível, as sedas, os calções.
Vós que apregoeais do cetro a magnificência
Elevai-a bem alto e lá dessa eminência
Perante o mundo inteiro que vos contemplará
Plantai os bastidores! Vereis o que será!
Que delírio de apodos, que chuva de sarcasmo
Que orgia de ridículo, que exclamações de pasmo!
Audácia! cortesãos... não sois vós o poder?
Esta comédia mais e então haveis de ver
Ao trovão estridente da gargalhada unânime
Tremar a monarquia, pender, tombar exânime!
(...)

Ao Pé da Umburana

André Estima

Fechei as pálpebras para esconder o olhar distante, mas o meu olhar sob elas continuava distante, léguas adiante. Como se a pele delgada fosse transparente e me permitisse enxergar a estrada até o horizonte através de um tênue filtro. Mesmo com os olhos bem fechados eu via meu destino precário, sem que as órbitas me doessem como doíam desde o entardecer.

Era início de agosto e as últimas noites de frio seco não desacreditavam a promessa de dias abrasadores. Aquela noite estava estranhamente mais fria que as do último junho. Mas não se podia mais entender o tempo como antigamente. Eu precisava aproveitar ao máximo as horas noturnas, enquanto o sol reabastecia seu forno, para deixar para trás os fantasmas e a estrada que levava até eles. Mas aquela noite estava tão gelada que meus joelhos doíam e eu sentia câimbras nas canelas. Já devia passar das duas da manhã, sentei-me bruscamente ao pé de uma umburana caduca e dei-me de costas sem tirar o bernal dos ombros. Soprava uma brisa anêmica, porém teimosa, que parecia ter certeza, mas não ter pressa de me congelar. A lua em crescente acabara de se abrigar do frio, permitindo que eu visse o céu mais perfeito do mundo. A maioria das estrelas detesta concorrer com a claridade das cidades. Elas são conservadoras e radicalmente puristas e têm ojeriza à modernidade e suas luzes de vapor de mercúrio, de néon, de filamento de tungstênio... Por isso só se exibem, orgulhosas de sua tradição de bilhões de anos, nos sertões, onde uma delas a mais ou a menos faz diferença para os viandantes noturnos.

Eu estava exausto da jornada, mas o descanso precisaria ser pouco. Logo o dia amanheceria e o sol inexorável tornaria mais penoso o meu caminho. No entanto, permiti-me alguns minutos a ouvir as estrelas. No início achei que eram apenas o rumor do vento sobre a caatinga e os insetos resmungando. Mas descobri que quando eles se calavam ainda havia um som. Um murmúrio sério e grave, que só poderia vir do céu, que só poderia ser das estrelas que reclamavam por espectadores. E lá estava eu, deitado sobre o meu fardo, adormecendo sob luzes milenares, escondido do frio de deserto dentro de um gibão, cansado e com uma sede implacável, mas feliz por ainda estar vivo e lucido.

Mal tive tempo de pensar no que fazer com o cadáver daquele infeliz, e vi o dia começar a proclamar-se no horizonte. A luz aflorava entre as serras como uma explosão em câmera lenta. Dava para ouvir uma dúzia de tambores e uma grossa de clarins, regidos pelo próprio Wagner, anunciando a chegada de Mitra, montada num touro, atravessando o céu, olhando ansiosamente a terra em busca de algum homem para adorá-la. "Ó, grande Astro! O que seria de tua sorte se não fosse aqueles a quem iluminas?" Pois Deus estava tão solitário e entediado, que criou o homem para atormentar. Para se divertir com seus suplicios. Para rir da sua fraqueza. Para confrontá-los em sua rinha, especialmente desenhada para a batalha. Mas o homem encarregou-se de destruir seu cárcere. "Queima o telhado, Sol! Engole os muros, Mares! Libertai-nos deste teatro de fantoches!"

Um desespero tomou-me o espírito. Amanhecia e eu andara muito pouco. Já devia haver um patrulha no meu encalço. Logo me alcançarão, pois não poderei andar muito sob o sol. Ainda mais com meu pesado amigo se decompõe sobre mim. Comecei a tremer e a ofegar. Acudiu-me uma vontade de gritar e chorar. Eu já soluçava e levava as mãos ao rosto quando abri os olhos e vi que ainda era noite. Levei ainda mais uns três minutos para restabelecer meus nervos. Eu não poderia mais despendar forças carregando aquele corpo, nem ao menos lhe cavar uma sepultura. Seria lamentável não lhe dar um funeral digno, mas não havia mais urubus. Grande coisa! Era tão digno ser devorado por abutres que roído por vermes. Aos vermes então! Mas ainda me era possível honrar-lhe e realizar-lhe um último desejo. Um que ele alimentara desde que éramos adolescentes: um filho. Na verdade o que ele dizia exatamente era que queria ser pai. Mas, o que importa? A diferença entre ser pai e ter um filho é meramente verbal. Eu não tinha mais a minha faca, tomaram-na de mim no cativeiro. Se ainda tivéssemos pelos, bastar-me-ia um fio dos seus. Mas precisei amputar-lhe a metade de um dedo com uma lasca de

pedra, depois de uns cinco golpes. Guardei-o no bolso da minha calça, olhei pela última vez o rosto pálido do meu amigo, do meu irmão querido, e segui meu caminho pela vereda.

Um quilômetro depois, olhei para trás e ainda avistei a umburana, sobre cujas raízes emergentes, estavam os restos mortais de quem ainda ontem me salvou a vida. O céu começava a clarear ante a iminência do amanhecer, quando ajeitei o bernal para trás e comecei a subir uma montanha. Havia umas rochas a uns cento e cinquenta metros mais acima e à direita, sob as quais certamente eu teria abrigo do sol e dos inimigos durante o dia. Guiei-me para lá. O lugar era ideal para passar o dia e ficava a apenas a cem metros do cume. Quando lá cheguei ainda era cedo o suficiente para andar um pouco mais. Fui até o topo e avistei do outro lado uma rodagem que levava no rumo da Serra Grande. Finalmente eu tinha um destino mais esperançoso, até então eu andava aproximadamente em direção ao poente. Pois seria onde ainda haveria resistência. Claro que eu não poderia seguir pela estrada, seria muito arriscado, mas pelo menos eu tinha um azimute confiável. Calculei que estarei a salvo se suportasse mais uma noite de caminhada. Retornei para o abrigo de pedra na face anterior da montanha, pois ali apenas incidiria o sol matinal e eu ainda poderia avistar meus perseguidores. Enquanto eu descia, colhi uma pequena coroa-de-frade empurrando com um galho, e carreguei-a pela raiz. Como não dispunha de faca, estourei-a contra as pedras e comi o que consegui recolher da sua polpa. Chupei ainda uns dez talos de caroá e fui descansar com a sede um pouco mais iludida.

Até um pouco depois do meio-dia, o calor insuportável não me permitiu nem um breve cochilo. Quando o sol começou sua descensão, a sombra vestiu aquela face da serra e era possível sentir um vento mais fresco. Era incrível pensar que em dez anos o mar já estaria visível daqui. Até que este seria um bom lugar para construir uma casinha. Que paisagem teria da janela! Por outro lado seria temeroso fundar algo aqui. A julgar pelas chuvas que surraram esta região no início do ano e pela quantidade de desmoronamentos que houve, é melhor optar pelas planícies mesmos, mas longe dos leitos dos rios. Dormi e envolvi-me em pesadelos de batalhas. Avancei sobre um arbusto de macambiras e deparei-me com um soldado inimigo. Ele me avistava e vinha desarmado em minha direção. Eu apontava meu fuzil contra ele e disparava-lhe uma rajada certeira, mas os projéteis atravessam-lhe o peito e ele parecia não sentir, apenas lhe rasgavam o uniforme. Como isso era possível? Homem nenhum poderia ficar de pé após levar aquela quantidade de tiros. Eu desprezei a arma e parti para o corpo a corpo com ele, mas meus murros pareciam não lhe afetar. Acordei muito ansioso, com uma sensação de impotência.

O sol já sucumbira no infinito e já era tempo de retomar a caminhada. Logo que cheguei ao sopé da montanha senti um odor nauseante de carniça. Entendi a importância dos urubus e dos carcarás, quando percebi a quantidade de corpos putrefatos que ali estavam espalhados num campo de batalha. Havia pelo menos trinta, todos inimigos, felizmente. O que não queria dizer que não tivemos baixas ali, mas pelo menos que vencemos aquele combate e resgatamos os eventuais mortos e feridos. Pelo menos ali, conseguiria uma bota e talvez um cantil cheio. Aproximei-me de um dos corpos que me parecia da minha altura para sacar-lhe o coturno. Vomitei a ceia que comi de manhã e meu estômago vazio ainda ficou contraindo fortemente por quase um minuto. Por sorte o calçado me serviu e poderia andar mais rápido dali para frente. Mas não havia água! Todos os cantis que restavam estavam vazios. Parece que levaram os que ainda continham algum líquido ou passaram por aqui outro desgraçado antes de mim. Consegui também uma boa faca, que levei no cós. Não substitui o gibão que consegui do guarda que matamos no campo de concentração antes da fuga, pois temi ser alvejado por fogo amigo se usasse um uniforme daqueles. De qualquer maneira, ainda estava em bom estado e não estava podre. Continuei, dessa vez pela estrada, pois me sentia em território seguro e, andando calçado e pela rodagem, poderia chegar ao forte antes do amanhecer.

Hoje faz dez anos que eu fui rendido por um batedor do nosso exército, algemado e levado para a base. Onde fui identificado e condecorado. Amanhã levarei o meu filho de oito anos para apregoar a medalha na umburana onde deixei seu pai.

ARIANO SUASSUNA



É um dos mais importantes dramaturgos brasileiros, autor do célebre *Auto da Compadecida*, e um defensor militante da cultura brasileira.

Mulher e o Reino

Oh! Romã do pomar, relva esmeralda
Olhos de ouro e azul, minha alazã
Ária em forma de sol, fruto de prata
Meu chão, meu anel, cor do amanhã

Oh! Meu sangue, meu sono e dor, coragem
Meu candeeiro aceso da miragem
Meu mito e meu poder, minha mulher

Dizem que tudo passa e o tempo duro
tudo esfarela
O sangue há de morrer

Mas quando a luz me diz que esse ouro puro se acaba pôr finir e
corromper
Meu sangue ferve contra a vã razão
E há de pulsar o amor na escuridão

Tuatha de Danann
Eduardo Siebra (Ceará)

Conto alegórico inspirado no Rupinolfest

Danu, com seu ventre inchado de vida, iluminava o caminho e criava sombras que assustavam ainda mais a hesitante comitiva. À frente ia Filho de Ibar, de uma antiga linhagem de bardos que perderam seu prestígio após a guerra. Seguiam-lhe Vercingétorix, descendente de Cú Chulainn o herói que enfrentara as forças da rainha Maeve - e Filho de Cuillin, de uma família de vates. Assustadas, três moças antes entusiasmadas, mas já arrependidas de terem concordado em se juntar à aventura - seguiam-nos na penumbra.

Os temores das donzelas não eram de todo infundados. Aquela era justamente a véspera de Samhain, a noite dos mortos, quando os espíritos se mostram aos homens. Talvez para os jovens, educados segundo valores estrangeiros, a circunstância não tivesse tanta importância. Ainda assim, algo lhes insinuava a terrível solenidade da ocasião.

Avançaram por quase meia hora pela trilha, sem chegar à clareira. Já estavam preocupados, pois como haviam nascido depois que o rei dos invasores proibira os rituais, eles não conheciam o caminho. Mas não havia erro: a antiga passagem do bosque não tinha bifurcações. Começava próximo ao riacho e levava, pela floresta de

Slough Feg, até o Grande Carvalho, onde, em outros tempos, os sábios celebravam a espiral da vida e da morte.

Apressaram o passo e logo chegaram à encosta da colina. Ficaram mais tranquilos, sabendo-se próximos do destino. Mal começaram a escalar, porém, perceberam certo cheiro de carne em decomposição. Pararam. Não havia sons. Olharam para cima, na direção da encosta, para os lados e, ao se voltarem para a trilha de onde vieram, avistaram, à distância, um vulto silencioso, esquelético e enorme, movimentando-se desgraciosamente num bailado sobrenatural. Era uma sombra chifruda, de cabeleira desgrenhada, com ossos protuberantes e membros raquíticos que giravam e se contorciam na incompreensível dança. As três mulheres, horrorizadas, dispararam colina acima. Os homens seguiram-nas, a passo rápido, lutando para não sucumbir ao medo.

Conseguiram subir antes que o espectro, ou o que quer que aquilo fosse, se aproximasse. Ao chegarem ao cume, ficaram tão deslumbrados que esqueceram o medo: iluminado pela lua, no centro da clareira, entre imponentes pedregulhos arranjados em círculo, estava o Grande Carvalho, maior e mais antiga árvore da floresta. Seu tronco colossal abria-se num incontável feixe galhos nodosos que sustentava a folhagem, prateada à luz de Danu. Abaixo, recostado a uma pedra escurecida, estava o último druida, cochilando.

Percebendo-os chegar, ele ergueu-se e, ainda sonolento, saudou-os. Os jovens conheciam-no bem: um simples fazedor de ervas e poções, sem prestígio. Alguns na aldeia, entretanto, sabiam que ele fora um dos aprendizes do venerável Cathbad, em Ynis Mon. Sua figura desalinhada simbolizava bem a decadência de sua classe depois da invasão: magro, vestia andrajos meio rotos e trazia os cabelos e barbas mal-cuidados. Mas seu semblante severo e seu olhar revelavam o que estava além desta impressão superficial de vagabundo: era um herdeiro tardio de uma tradição derrotada, um sábio deslocado no tempo, incompreendido porque suas verdades não faziam sentido para os que agora detinham o poder. Os invasores não conseguiam alcançar o entendimento do ciclo da vida, nem dos mistérios da Grande Mãe, pois viam o homem como um ser afastado de suas origens, em conflito com a própria natureza.

Aqueles jovens, nascidos depois da guerra, eram ignorantes dos costumes de seu povo. Viam, portanto, o velho como uma figura anacrônica, meio hilária, mas no fundo o respeitavam. Percebiam que havia certo poder em sua triste figura. Um poder exilado e sepultado, mas não de todo morto, apenas adormecido.

Fora Filho de Ibar que organizara a reunião. Dos jovens, era o que se sentia mais atraído pelas tradições. Referia-se aos deuses não pelos seus novos nomes, Mercúrio, Marte, Júpiter, mas pelos velhos, Lug, Toutatis, Taranis. Seus antepassados haviam participado, decênios antes, de reuniões secretas naquela mesma colina. Em sua infância, sua avó lhe contara histórias sobre Ogmios, Ceridwen, Sucellos, Danu, a Mãe Tripla - donzela, mãe e velha - e sobre o próprio deus cornífero, misterioso senhor das matas.

Alguém revelara a Filho de Ibar que o boticário era um sábio do carvalho, aprendiz de Cathbad. Ao saber disso, ele pedira com insistência ao velho que, na noite do Samhain, lhe revelasse um pouco dos rituais. O druida, que hesitara a princípio sentindo haver certa leviandade juvenil naquele desejo aquiesceu, por fim, talvez nostálgico, talvez animado por poder reviver os segredos. O jovem, então, escolheu, dentre seus amigos, os de espírito mais aberto e os de visão mais larga para participar do encontro, uma clara transgressão do decreto imperial.

Filho de Cuillin trouxera, em seu saco de couro, instrumentos musicais de sopro e um tambor. Vercingétorix tirou da algebeira um punhado de musgo estranho, que o druida

havia pedido. O sábio, ao receber o ingrediente, levou-o até um pequeno caldeirão que borbulhava ao lado da pedra escurecida.

Enquanto ele se ocupava, os jovens, ainda cansados da jornada, deitaram-se na relva para observar o firmamento. Fazia frio, não havia nuvens. O céu assemelhava-se a um abismo, no fundo do qual cintilava uma multidão melancólica de espíritos inalcançáveis.

Uma das moças, encantada pela sublimidade da noite e pelo vulto majestoso da árvore - receptáculo da memória da floresta pegou um dos instrumentos e começou a tocar. Filho de Cuillin, inspirado, acompanhou-a com o tambor, e logo todos, menos o druida, cantavam uma das poucas canções antigas de que ainda se lembravam. Filho de Ibar tirou um jarro de vinho da bolsa de couro e repartiu-o entre os amigos.

Como o velho se demorava, Vercingétorix teve a iniciativa de fazer uma nova fogueira, usando lascas de madeira e acendendo-as com as brasas do fogacho do caldeirão. A ideia foi bem recebida. Com o passar dos minutos, o calor da chama e o do vinho animaram a cantoria. O druida, agachado diante do líquido fumegante, apenas observava, pensativo, meio surpreso. Os jovens, vendo a situação como um pretexto para se embriagarem, pareciam não fazer caso de estarem num círculo sagrado. Talvez já estivessem esquecidos do desejo de conhecer os rituais. O sábio sorriu, tocado pela inocência irresponsável do grupo. Somente desconhecendo os segredos da floresta alguém poderia entoar canções tão cheias de alegria na véspera do Samhain, o mais nefando dos dias. São as prerrogativas da ignorância.

Pensando em como a juventude estava mudada, ele olhou em torno, em direção ao bosque. Seu sangue gelou. Alto, magro, com um grande elmo ornado de chifres sobre a cabeleira desgrenhada, o Estranho Mestre, Slough Feg, observava a curiosa dança, nos limites do descampado. Ao seu redor havia uma multidão de sombras silenciosas, malignas, que simplesmente assistiam.

Apressado, mas sem fazer alarde, o druida retirou de sua algebeira um ingrediente que colheira no último plenilúnio com a foice de prata, atirou-o ao caldeirão e iniciou uma evocação a Blaudewed, amante de Cernnunos e dama das flores, uma das três faces de Danu. Enquanto balbuciava sílabas sagradas, a fumaça do caldeirão se tornou, pouco a pouco, adocicada e espessa. O líquido, antes cor de chumbo, tornou-se esverdeado e começou a borbulhar. Os jovens viram-se repentinamente envoltos numa névoa perfumada, mas, pensando que aquilo estivesse nos planos do sábio, não deram mostras de surpresa.

Começou um sonho inesperado. Nem mesmo o velho, que participava de muitos rituais num passado solene, jamais vira algo assim. A luz da lua, tremeluzindo em tons róseos através da fumaça, dava aos dançarinos, na atmosfera crepuscular, aparência meio etérea. As vozes das donzelas, embelezadas como por encanto, soaram tal qual o borbulhar de fontes cristalinas em vales esquecidos. Das entranhas da Terra ouviam-se ecos ao tambor de Filho de Cuillin, como se o coração da deusa bombeasse vida para seus filhos. No centro do círculo de rochas, sob os desconhecidos galhos do carvalho, eles podiam sentir, como aragens, os eflúvios de um outro mundo e de um outro tempo.

Filho de Ibar, da linhagem dos bardos, sentiu-se inexplicavelmente inspirado e começou a recitar um poema estranho, de que ele próprio não se lembrava, uma canção carregada de saudade sobre a infância do mundo. Apesar de parecer infinitamente antigo, de alguma forma soou familiar aos que o ouviam.

Vercingétorix, perfeitamente embriagado pelo vinho e pela fumaça, convidou uma das mulheres para dançar. Os demais, inclusive o druida, sentiram-se como crianças na aurora dos tempos, e acompanharam, ao som do tambor, aquela estranha coreografia. Dançaram alegremente ao redor das labaredas, que pareciam mudar de tom e acompanhar as batidas. Só Filho de Cuillin permaneceu sentado, tocando, dando ritmo à loucura. Ele, descendente de vates, não olhava para os dançarinos, mas observava a clareira, o carvalho e além. Mirando a floresta, viu de luzes amareladas, e estranhíssimas torres quadrangulares, maiores que o Carvalho, iluminadas esparsamente. Não compreendeu, mas sentiu seu coração pesado. Desviou o olhar e, vendo seus amigos dançando, logo pensou: por que lamentar o futuro, se o agora tudo que temos - pode ser tão maravilhoso

O druida percebeu que a multidão das sombras ainda observava. Pareciam ávidas, mas não ousavam penetrar a neblina de Blandewed. Os tempos poderiam estar mudando, mas a Grande Mãe ainda tinha poder. À distância, Slough Feg imitava os passos de Vercingétorix.

O desvario prolongou-se noite adentro. Os jovens vieram em busca dos rituais, por curiosidade, talvez, mas incrédulos de que pudessem vivenciar em sua plenitude a comunhão com os elementos de que falava a tradição. Sem se darem conta, porém, foram arrastados por um turbilhão sensorial que inundou seus corações de alegria. Eles se sentiam intimamente ligados às centenárias raízes do carvalho, às estrelas no abismo celeste, às aves noturnas, ao verme que cavouca a terra, enfim, perceberam que eram todos parte do Tuatha de Danann, o povo de Danu.

Cada vez mais embriagados pois o vinho ainda não acabara, embora Filho de Ibar não tivesse trazido tanto - sentiram-se dissolvendo na neblina, nas batidas do tambor, nas canções, e seus espíritos, libertos da contingência, pareciam despir-se das camadas superficiais. À medida que o entorpecimento lhes embotava a visão, seu entendimento se tornava mais nítido.

O torvelinho da loucura, alimentado pelo ritmo e pelas pancadas repetitivas, mais e mais intensas, tornou-se tão vertiginoso que, sem que se apercebessem, a escuridão acendeu-se. Eles não mais temiam. O universo parecia-lhes um todo borrado e contínuo, onde luz e sombra se completavam e se imiscuíam. Foram engolfados, por fim, pela treva, adormecendo no manto do sonho. Enquanto perdia a consciência, ao som da risada roufenha de Slough Feg, o druida deu-se conta de que negligenciara seu papel de guia. Ele se deixara carregar pelas forças que deveria canalizar. Agora não adiantava resistir. Simplesmente entregou-se, como os outros, à corrente nebulosa e fria

Grannus despertou-os no dia seguinte. Filho de Ibar levantou-se primeiro e viu o olho sanguinolento e alaranjado do arrebol além das brumas. Com a cabeça doendo, olhou ao redor. Seus amigos dormiam na relva, próximo às cinzas da fogueira. Ele observou o Grande Carvalho. Ainda era imponente, com seu volume prodigioso, mas, à luz da aurora, era apenas mais uma árvore. Tentou encontrar algo ao seu redor que evocasse a atmosfera de sonho e feitiço da noite passada, mas o mundo parecia ter voltado à banalidade costumeira.

Despertou seus amigos. Era hora de voltar. Ergueram-se mal-humorados, menos o druida, que preferiu continuar dormindo, envolto numa pele de cabra que apareceu sabe-se lá de onde.

Juntaram seus pertences e começaram a procurar a trilha. Partiram em direção ao bosque, não mais temendo o Estranho Mestre ou seus espíritos, que agora não passavam de pesadelos distantes.

Ao chegar à encosta, divisaram sua aldeia, longe, em meio ao vale. Pararam e observaram. Distinguíram, ao lado do agrupamento de pequenas casinhas de madeira, cercadas pela paliçada, o acampamento romano, enorme, cheio de tendas, de onde brotavam fios de fumaça branca que se confundiam à névoa. Mesmo à distância, era possível distinguir as máquinas de guerra e as centúrias em seus exercícios matinais. A faixa de floresta próxima havia sido derrubada.

Encheram-se de pesar. Aquilo era o futuro. A vida é um ciclo de nascimento e destruição. A marcha do tempo destrói toda memória, tradição, herança. Entenderam, afinal. O que eles vivenciaram foi só um lapso, um último vislumbre de uma infância perdida, que não retornará jamais. Foi uma dança de despedida em homenagem à Mãe Terra, que cada vez mais se recolhe em seu véu de mistério.

Começaram, então, resignados, o caminho de volta. Descendo a encosta, mais de um deles teve de lutar para esconder dos amigos as lágrimas que escorreram quando deixaram para trás o Grande Carvalho. Em suas vidas, jamais o viam novamente.

CARLOS PENA FILHO



*"Mas em meio à mentira,
eu sonho e luto.*

*Pois sei que sou o espaço
Entre a semente e o fruto."*

A Solidão e Sua Porta

Quando mais nada resistir que valha
a pena de viver e a dor de amar
e quando nada mais interessar
(nem o torpor do sono que se espalha),

quando pelo desuso da navalha
a barba livremente caminhar
e até Deus em silêncio se afastar
deixando-te sozinho na batalha

a arquitetar na sombra a despedida
deste mundo que te foi contraditório,
lembra-te que afinal te resta a vida

com tudo que é insolvente e provisório
e de que ainda tens uma saída:
entrar no acaso e amar o transitório.

Caro Amigo Distante

Luani Melo

Caro amigo distante,

Devo desculpas pela demora em escrever-te. Poderia vir aqui e elencar milhões de justificativas para essa minha falta imperdoável. Poderia falar das provas, da militância, das reuniões, das viagens, do estágio, da minha falta habitual de tempo, do cansaço que tem sido a vida e até mesmo das farras. Poderia, também te cobrar tuas faltas, aquela carta nunca respondida... Poderia justificar minha ausência na tua ausência. Poderia, assim, utilizando toda minha retórica te tornar o grande culpado dessa falta recíproca de notícias.

Nesta carta escrita sobremaneira atrasada, mas diariamente pensada, venho perguntar as novidades dessa terra longínqua. Como andam os ares? Há o que se pensar? E os ingleses? Menos idiotas? E o sentimento? Esqueceu? Evaporou? Os ouvidos continuam atentos, a língua ainda afiada. A intuição é velha conhecida. Esse tal de transmimento de pensação, deve ser verdade... Tome por dito.

Aqui as coisas andam na mesma cadência, no mesmo torto passo. Tá certo que ultimamente tem feito mais sol. Não vou mentir e dizer que os amigos andam escassos ou que as

conversas andam ruins. O sorriso ainda sempre presente, é vero, contudo, que as manhãs há tempos são menos risonhas. Um dedo de ternura, um ar de bobagem, um pé-de-jambo em tempos primaveris. Algumas brigas pra não perder a fama de brava. Algumas histórias para contar. Nada de extraordinário ou espetacular. Mas ainda assim, vontade de compartilhar.

Discorrerei acerca das ilusões perdidas, da dóida política, do confuso movimento. Contarei de minha vontade de plantar, de minha admiração por casulos e outras cositas más. Visualizo o rosto risonho e sou mesmo capaz de ouvir-te dares as minhas merecidas broncas, sempre o mesmo tropeço... ando precisada de colo. Colo, coca-cola e chocolate! A foto está guardada, de quando em vez admirada. A cidade de ares eternamente setembrinos.

Mandarei você se cuidar. Exijo que não esqueça de voltar. Vou dizer, meu caro amigo, que a distância não te deixou menos presente na minha vidinha recifense. Vou dizer que o carinho está crescendo forte e saudável. Ai que esse menino dá um trabaaalho! Corre a casa inteira, espalha suas bagunças, abre a janela e diz, com o ar zombeteiro, que gosta mesmo é de sol.

É... dessa vez a saudade demorou mais a me visitar. Pensei até que nem ia sentir. Convencera-me de que o tempo voa, então rapidamente a distância diminuía. A contra-prova não demorou. A senhora saudade deselegantemente resolveu bater à porta e sem ser convidada foi adentrando a casa, se instalando, fazendo morada. E eu que lhe cobraria notícias, que usaria toda minha capacidade argumentativa para provar-te da falta em que andas em não enviar lembranças dessas vias londrinas para essa banda sul do mundo. Foi me rendendo, e estou a remeter, novamente, dizeres de saudade e gostares. Amigo-irmão.

*"Se puder me manda
Uma notícia boa."*

(Chico Buarque/Vinicius de Moares/Toquinho)

Cotidiano

Luciana Darce

Como em todos os outros dias, o despertador toca às seis da manhã. Dona Maria acorda. Quinze minutos no banheiro e ela está pronta. Café da manhã. Sete horas: parada de ônibus.

Ela poderia ir de carro. Mas depois de dois assaltos, a carteira de motorista e a chave do automóvel foram deixadas em alguma gaveta. Nada muito estranho, na verdade... Quando conseguir convencer seu chefe a lhe dar um aumento condizente às novas funções que ela assumiu, colocará um ar-condicionado no carro. Sem ar-condicionado, é realmente impossível...

No ônibus, as mesmas coisas de sempre. O motorista faz suas habituais barbeiragens, os vendedores de jujuba e outras guloseimas tentam chamar a atenção da freguesia sonolenta, dois ou três moleques interpretam seu monótono discurso de todos os dias "não roubo, não fumo, não cheiro, minha mãe está doente, meu pai, desempregado, tenho cinco irmãozinhos para alimentar, peço uma ajuda..."

Sete e quarenta e cinco. Dona Maria desce do ônibus. Na frente do escritório em que trabalha como secretária, está o velho José. Há quase um ano aquele nicho de parede serve de morada para ele. Maria não sabe, mas ele foi abandonado pela família, que já não tinha como cuidar daquele peso morto.

Como de hábito, ela joga uma moeda no chapéu do triste vizinho, recebe com passividade o murmúrio de bênção e entra no escritório.

Às oito, doutor Paulo chega, esbravejando contra o vagabundo que dorme à sua porta. Dona Maria já está acostumada com o mau-humor do chefe pela manhã, por isso, fica calada. Ela simpatiza com seu José, mas doutor Paulo é doutor, então, deve ter razão.

Os colegas de trabalho chegam, sempre com uma história para contar junto à máquina de café, geralmente o assalto que sofreu fulano ou sicrano. Todo dia alguém no escritório é assaltado. Resmunga-se um pouco contra o governo e depois se volta ao trabalho. Tudo acontece mais por hábito do que por consciência crítica. Nada mais fácil que criticar e lavar as mãos.

Meio dia, hora do almoço. Dona Maria sai do escritório e descobre, sem muita surpresa, que seu José foi enxotado da porta. Como em todos os outros dias. Dando de ombros, afinal, nada tem a ver com isso, ela caminha os dois quarteirões que a separam do pequeno restaurante em que sempre almoça.

Alguns meninos cheirando cola olham cobiçosamente pelos vidros, enquanto dezenas de pessoas almoçam sem se importar com a cola ou a fome deles. Dez minutos depois, um carro de polícia chega e as crianças são levadas debaixo de tapa. É quase como espantar moscas inoportunas. Ninguém no restaurante levanta a voz; são poucos os que levantam os olhos do próprio prato para assistir ao espetáculo da violência.

Por fim, dona Maria deixa o restaurante para voltar ao escritório. No caminho, uma moça com um bebê pede um trocado. Depois, uma menina, de não mais que dez anos. E, por fim, o velho José, que já voltou ao seu posto.

Seis horas, fim do expediente. Maria joga uma terceira moeda para seu José, que está imóvel em seu canto escuro. Ela não espera que ele a abençoe; corre para o ponto de ônibus. Quando, no dia seguinte, descobrir que ele morreu durante a noite, apenas deixará escapar uma exclamação de surpresa.

Por fim, todo o ritual da manhã se repete. Os discursos decorados soam nos ouvidos de dona Maria e ela já os repete mentalmente. Engarrafamento. Já passa das sete e meia quando afinal chega em casa, murmurando uma prece durante todo o caminho para que nada de mal lhe aconteça.

Como de hábito, tira os sapatos, troca de roupa e vai esquentar alguma coisa para comer. Como de hábito, assiste ao noticiário, sem realmente prestar atenção nas notícias e comentários mórbidos dos apresentadores. Afinal, está mais que acostumada com aquilo — são apenas cenas do cotidiano, normais pela regularidade com que acontecem.

Tudo é tão cotidiano, tão repetitivo, tão lugar comum, que ela está acostumada. Alguns anos atrás, poderia se sensibilizar com as histórias que cruzavam seu caminho. Agora, entretanto, tudo é apenas um hábito.

E, como de hábito, às nove se deita. E sabe que, no dia seguinte, tudo há de se repetir.

JOAQUIM NABUCO



Político, diplomata, historiador, jurista e jornalista brasileiro.
Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras.

Minha Formação

(Trecho)

“Quando a campanha da abolição foi iniciada, restavam ainda quase dois milhões de escravos, enquanto que os seus filhos de menos de oito e todos os que viessem a nascer, apesar de ingênuos, estavam sujeitos até aos 21 anos a um regime praticamente igual ao cativo. Foi esse imenso bloco que atacamos em 1879, acreditando gastar a nossa vida sem chegar a entalhá-lo. No fim de dez anos não restava dele senão o pó. Tal resultado foi devido a muitas causas... Em primeiro lugar, à época em que foi lançada a idéia. A humanidade estava por demais adiantada para que se pudesse ainda defender em princípio a escravidão, como o haviam feito nos Estados Unidos. A raça latina não tem dessas coragens. O sentimento de ser a última nação de escravos humilhava a nossa altivez e emulação de país novo. Depois, à fraqueza e à doçura do caráter nacional, ao qual o escravo tinha comunicado sua bondade e a escravidão o seu relaxamento.”

A condição de existência humana - uma perspectiva nietzscheana

Bruno Guilherme Cassimiro

Inspirado em digressões filosóficas de meus caros professores da Faculdade de Direito do Recife (Torquato Castro Jr. e Alexandre da Maia), resolvi escrever algo sobre a condição humana e a razão da existência.

Sempre fui bastante cético e pessimista com relação à condição humana. Talvez inspirado em Machado de Assis e a sua visão negativista do mundo, da sociedade e do homem em si. Forçoso, então, é reconhecer que mesmo o ser humano mais inofensivo e pacífico em sua aparência pode ocultar uma personalidade contraditória e até mesmo ameaçadora.

A sociedade humana é uma tentativa e não um contrato, como muitos queriam. É uma tentativa de existência, sobrevivência, inclusão, reconhecimento e aceitação. Uma tentativa pesada até para o mais forte, indecifrável até para o melhor intérprete. As relações humanas são complexas demais, são incertas demais e o mundo nos é apresentado em múltiplas versões das quais ninguém pode se gabar de possuir uma compreensão melhor do que os outros.

Entretanto, é simples exemplificar a fraqueza de nossa sociedade. A mentira e a farsa do ideal foram até agora a blasfêmia contra a realidade, as pessoas fantasiam o mundo, um mundo imaginário, um mundo possível, e dizem: “esse é o meu mundo, ele deve ser assim”, mas esquecem da realidade ao redor do seu mundo; Muitos se encontram jogados à própria sorte, não são vistos ou ouvidos e o homem se encarrega de fazer do lobo um cão e do próprio homem o melhor animal domesticado pelo homem.

As pessoas não ouvem umas às outras; possuem um “segundo” rosto, e até um “terceiro” rosto, usam máscaras, escondem-se; por suposta superioridade, assumem atitudes prepotentes ou de desprezo com os outros; não sentem constrangimento por seus atos censuráveis; costumam tomar a si mesmas como referência para tudo; fingem, dissimulam os verdadeiros sentimentos, intenções; desejam sempre gozar ou possuir o que é gozado ou possuído por outrem; indignam-se, encolerizam-se, vingam-se e punem em razão de alguma ofensa; são movidos pela concupiscência, cobiçam bens materiais e desejam intensamente os prazeres sensuais; admiram o próprio mérito, e possuem excesso de amor-próprio; avaliam a si mesmos enaltecendo com exagero.

Senhoras e senhores, “Eis o homem”: Arrogância,

Cinismo, Egoísmo, Hipocrisia, Inveja, Ira, Luxúria, Orgulho e Vaidade. É o retrato de nós mesmos, retrato de nossa realidade. Fugir dessa realidade é covardia, é fraqueza, não devemos jamais poupar a nós mesmos. Devemos ter a dureza e a frieza em nossos hábitos para que possamos permanecer contentes frente às duras verdades da nossa realidade.

Eis a verdadeira condição humana, “aquele que não quiser morrer de sede entre os homens deve aprender a beber em todos os vasos, e o que quiser permanecer puro entre os homens deve aprender a lavar-se em água suja” (Nietzsche). Somos todos animais, unidos pela sobrevivência. A “pureza” da Moral - limpa e cristalina - aprisiona alguns e transforma outros em porcos.

Diante da realidade de nossa condição humana, questionamo-nos: Qual a razão de nossa existência? Seria o homem apenas um equívoco de Deus? Ou seria então Deus apenas um equívoco da fraqueza, do cansaço e do sofrimento do homem diante de um mundo antagônico? Será que simplesmente devemos abandonar tudo, não aceitar absolutamente mais nada, não tomar mais nada, não ingerir nada, não levar mais nada para dentro de si não reagir?

O homem, em sua existência, está condenado à liberdade, não escolhemos nem optamos por nascer, mas somos livres em nossas decisões por toda a vida. E a vida “é um grande palco, onde somos meros atores, atirados à vida sem nenhum roteiro para seguir, apenas usamos máscaras e representamos papéis” (Jostein Gaarden).

Contudo, a dúvida permanece: Qual a razão da existência humana? Pouco importa. Não é a dúvida, é a certeza que nos enlouquece. “Nós engordamos todos os outros seres para que nos engordem; e engordamos para engordar os vermes.” (Shakespeare)

“Para quê queres tu mais alguns instantes de vida? Para devorar e seres devorado depois?” (Machado de Assis)

Pragmático

Walkerlucia do Rêgo Barros

Era um glúto, sempre o fora. Desde as primeiras letras. Adorava os ás enormes daquelas cartilhas gorduchas; o desenho sinuoso que ele apreciava primeiro com os olhos, depois com os dedos, e, por último, com a boca inteira. Saboreava os ós como quem prova um manjar delicado, num movimento inocentemente erótico, até que destes restasse apenas o chapeuzinho franzino. Pequeno sinal deixado somente por vaidade. Aprendeu a enxergar muito além das simples entrelinhas. Estava faminto.

Depois descobriu a pontuação e com eles o sentido da palavra preferência. Adorava cozinhar e fazia questão de preparar o repasto ele mesmo, cuidadosamente. Algumas vírgulas, um ponto final, talvez três sequenciados, isso dependia bastante da ocasião, do humor, da companhia...

Não apreciava muito o travessão, verdadeiro arrasa garganta que arrastava com ele o sabor divertido de um olhar sem palavras. Preferia comer em silêncio, degustando cada ponto e vírgula. As pausas prolongadas quase sempre eram seguidas de uma boa surpresa. E para ele, exclamações de sobremesa eram bem-vindas. Ajudavam a digerir. Enzima catalisadora a acelerar o compasso daquela vida pontuada por altos e baixos.

Era sua única paixão até conhecê-la. O modo sublime com o qual ela pronunciava as palavras o fez esquecer todo o resto. Ficou fascinado por sua beleza, seus gestos suaves, sua dicção mais que perfeita. Deixou-se embalar por sua voz sonora, sua mão macia, seus olhos de rainha. Ela era um sonho. Ponto.

O casamento realizou-se alguns meses depois. No dia marcado tudo estava em seu lugar. Parecia nervoso, e era verdade. Sentia-se como um parêntese mal colocado, sem sentido, abandonado na frase. Ela, radiante, distribuía sorrisos a todos. “Fabulosa!”, Pensou.

Apesar do calor, suportou bem a cerimônia. As roupas tinham um caimento perfeito já que ele emagrecera (graças à dieta que

ela sutilmente sugeriu). Mesmo assim não se achava digno de tamanho primor e na ânsia de tomá-la por esposa engoliu com avidez a interrogação que o Padre ofereceu.

Morreu sufocado.
No meio da oração.

Última Mesa de Bar

Higgo Braga

Mas e agora o que é que eu faço, sem os seus carinhos, sem os seus abraços, sem o seu perfume nos lençóis manchados, sem suas histórias me envolvendo em laços? Se suas virtudes foram implantadas, se suas comédias transformaram nada, se suas tragédias foram superadas...E agora? Vá, me diga! E todas as brigas que foram resolvidas? E todas as promessas, aquelas saídas? Foram vazias, ocas, sem rumo, sem vida? E todos aqueles momentos de silêncio falado, quando os olhos se encontravam, hipnotizados, e entendimentos se faziam crer? E todas as vontades de te ter ao lado, todo apaixonado, te querendo ver, coração roubado, trancafiado, algema e cadeado pra você ficar? Quem dirá? Quem virá? Quem substituirá uma presença assim, sem fim, sem a possibilidade de você perto de mim? Nada presta, só ficam lembranças de tudo que me resta. Pegue esse copo e anda, pois quem no coração manda não tem vontade de chorar. E se meu choro for para você honesto, e mesmo assim, meus restos você rejeitar, suma da minha vida, como leve brisa que vai sem se notar. Abandone, desaprisione essa alma cuja verdadeira dona há de chegar. Leve suas trouxas, todas suas roupas que nunca mais vou tirar. Encarregue-se de levar o aquário, a bicicleta e tudo dos armários, limpe seu cenário, preu não mais notar. Vá, e sem notícia, fique onde está, que desmitifica esse meu gostar. Vá e esconda a dificuldade de tão pouca idade, que nessas horas se faz bem notar. Quem virá? Quem dirá que as certezas de um tempo atrás viram as surpresas do que não é mais?

Não é mais! Escreve num cartaz, segue o que te apraz, não sou mais o teu rapaz, veja o que a vida faz, vá e não volte mais, e me deixe...Que hoje, pelo menos hoje, eu preciso dormir em paz.

O Bilhete

Caroline Jordão Barreto

O bilhete que ela havia deixado no monitor do computador- "Eu nunca quis Antônio. Eu sempre amei você"- ele nunca leria. Mas, como ela não sabia, por certo tempo esperou que ele telefonasse. Pena que ele não telefonaria.

No dia em que ela se foi (não por querer e sim por sofrer com a desconfiança dele), ele demorou a voltar para casa. A faxineira estava arrumando o apartamento e, desavisadamente, jogou fora o bilhete deixado. Quando ele voltou, tudo estava como sempre, exceto por uma coisa- a ausência dela.

Por essas razões que se não explicam, ela o amava, mas, cansada dessas histórias que jamais encontram o ponto de equilíbrio, cansada dessas histórias que em tudo se assemelhavam à história dos dois, resolveu partir. Saiu sem nada avisar. E sem nada levar. Se foi apenas com a roupa do corpo, a mesma que vestia, quando, pela primeira vez, entrara na casa dele. Vestira-se assim propositadamente, como um sinal, um sinal de que saía sem nada levar, ou melhor, quase nada (levava apenas a esperança de que ele a procurasse).

Ao entrar em casa naquela noite, ele quis chorar. Tão logo olhou ao redor, teve certeza de que ela havia ido e afundou no sofá da sala. Não foi capaz de ir até o quarto. Não de imediato. Naquela noite, ele dormiria ali. Sem lençol, sem ar condicionado, só com a almofada impregnada pelo cheiro dela.

Verdade que não confiava totalmente no amor dela, mas isso não significava que queria que ela se fosse. Queria tão-somente que ela o amasse como julgava que merecia ser amado. Tanto queria que se foi

esquecendo de dar amor a ela. E, assim, ela foi acumulando coragem para ir; até que, finalmente, foi. Não sem alguma dor, é verdade; porque a partida sempre machuca. Exatamente por isso deixara o bilhete: para que ele, quem sabe, mudasse, de modo que se tornasse possível reatarm. Só que ele era orgulhoso demais para isso. Pensando bem, talvez tenha sido essa a razão por que a faxineira atirou ao lixo o bilhete-para afastá-los do caminho da dor (de uma dor que acreditava estéril).

CASTRO ALVES



Um dos maiores nomes da literatura brasileira em todos os tempos: Antônio Frederico de Castro Alves, o Poeta dos Escravos, do Povo, da Liberdade.

O Povo ao Poder

(Trechos)

A praça! A praça é do povo
Como o céu é do condor
É o antro onde a liberdade
Cria águias seu calor.em
Senhor!...pois quereis a praça?
Desgraçada a população
Só tem a rua de seu...

Pois bem! Nós que caminhamos
Do futuro para a luz,
Nós que o Calvário escalamos
Levando nos ombros a cruz,
Que do presente no escuro
Só temos fé no futuro,
Como alvorada do bem,
Como Laocoonte esmagado
Morreremos coroado
Erguendo os olhos além.

Hino às Aversas

Simone dos Passos

Para ver da justiça a clava erguida,
Ao lutar, desbravar bosques da vida,
Ver nascer liberdade neste chão.
Mas as flores que brotam são em vão,
Desfolhadas de forma infame e vil.
E o penhor da igualdade no Brasil
É esquecido por esta Pátria Amada,
Sem razões pra gritar "Terra Adorada",
Pois não é dos seus filhos Mãe Gentil.

E as estrelas do lábaro ostentado,
Ofuscadas no breu do sofrimento,
Vão perdendo no azul do firmamento

O poder de luzir manto sagrado.
Só restou o colorido desbotado
Do que foi o pendão da esperança.
Hoje é pavilhão de insegurança
De um país sem orgulho da bandeira,
Com o progresso e a ordem brasileira
Sucumbindo e ficando na lembrança.

Nosso hino nasceu desafinado
Entoando uma falsa liberdade,
Que na pauta da vil desigualdade,
Chora as notas de um povo aprisionado.
Se o arranjo não foi bem orquestrado
Resta, em versos, lutar pela utopia,
Libertar dos grilhões a poesia
E trazer esperança à brava gente,
Pra poder transcender eternamente
Novos sons imortais da sinfonia.

JOSÉ LINS DO RÊGO



Escritor, aluno formado na Faculdade de Direito do Recife em 1923.

"Não sou mau pagador. Se tenho, pago, mas se não tenho, não pago, e não perco o sono por isso. Afinal de contas, sou um homem como os outros. E Deus queira que assim continue."

Sertão Perene

Ecléston Brito

Pau-de-arara, peba, árvore queimada
Agave, mandacaru, é fruto de palma
Alimento na seca para qualquer alma
Uma mão calejada, um sertanejo, uma enxada
Casa de taipa, mundo sem nada, trauma
Dor passa: cachaça, matuta enfeitada
Filho se foi, Brasília, mágoa passada
Ah!Xiquexique, vida pobre já sem calma
Fé, um Padre Cicero, um Frei Damiano
Criança sem aula, agricultor sem terra
A espera de um milagre de D. Sebastião
Inópito,acre,algoz, perene, tudo erra
Amigos, quem dá jeito neste sertão?
Não finda, isso é pior que qualquer guerra!

Paulo Freire



Educador, escritor, o mestre da "Pedagogia do Oprimido" que tanto lutou pela transformação do mundo através da educação, do combate às desigualdades sociais. É lido e traduzido em mais de 30 línguas.

A melhor maneira de falar pela paz é fazer justiça

Escolhi a sombra desta árvore para repousar do muito que farei, enquanto esperarei por ti.
Quem espera na pura espera vive um tempo de espera vã.
Por isto, enquanto te espero trabalharei os campos e conversarei com os homens.
Suarei meu corpo, que o sol queimará; minhas mãos ficarão calejadas; meus pés aprenderão o mistério dos caminhos; meus ouvidos ouvirão mais; meus olhos verão o que antes não viam, enquanto esperarei por ti.
Não te esperarei na pura espera porque o meu tempo de espera é um tempo de que fazer.
(...)
Estarei preparando a tua chegada como o jardineiro prepara o jardim para a rosa que se abrirá na primavera.

Encanto em nosso Canto

Diego Medeiros

"O passado vai falar.
Elevai os corações
(que o folclore é continuidade."
(Luis Câmara Cascudo)

O povo abre a porta,
não há nada,
não há nem o pão com que deitar,
no entanto há sonhos
engendrando os carroséis
na gravitação das estrelas,
pendão de cobre em olhos de copaíba.

Loucuras,
despojos de espinhos
que se banham no corpo da vida,
esculpida em tarde de sol caramelado.

Os cactus são estrelas
no céu da nossa terra nordestina,
onde as pedras reparem
o doce sabor dos mistérios.

Aqui,
o verde mais do que esperança
é a nossa vida severina,
construída de panos e trapos,

poesia e misérias, estórias e aparições,
sede e sonhos, mitos e lendas.
Boi Tatá, Saci, Uirapuru, Mula-sem-cabeça, Caetés
Boto cor do nosso chão
Rosa? Azul? Sol? Pele?
Qual a cor dos nossos sonhos?
Pétalas de mandacaru em folhas de cupim,
cortando as lâmpadas do amanhã
que insistem em apagar
a luz das coisas simples,
encanto em nosso canto,
cantando castanhas de caju,
em rapaduras de lamparina,
cabaça de couro, tábuas de água santa,
fosforescente,
cintilando a esperança que treme
na noite que canta
dentro do coração dos vagalumes,
engolindo o bagaço de cana
salpicado de coqueiros
tropol, rastros sobre as pedras
maxixe de algodão-doce
sabor de jaguari com pedaços de jerimum.
Os rios que cortam nossos olhos
são feitos de gritos de sombras e luz.
Vênus, Iara de igarapés renascendo das profundezas
do rio Capibaribe,
colhendo Flamboyant de todas as cores:
Aurora, União, Sol.
Tronco de Ipê com cheiro de jasmim
Canoas virgens de Muiraquitã,
jenipapo de Curapuru em caixas de fósforos,
Mergulhão, Quinta-Feira, Lampião,
Espantalho de baião dançando no vento
sob a proteção de Jurupari.
Somos severinos, perna de pau,
barro molhando a ribanceira.
O povo bate os pés calejados no chão e
o corpo vibra o silêncio da noite.
É que de manhã o sol derrama
a sua poesia no canto dos pássaros
pingando filigranas de sons em nossos ritmos:
Artista é aquele que canta o
seu mundo em cortinas de arco-íris,
Asa-Branca com olhos de gente,
gente que sofre,
mas, sobretudo, sonha.

Tobias Barreto



Fervoroso integrante da Escola do Recife (movimento filosófico de grande força calcado no monismo e evolucionismo europeu). Em 1882, através de concurso, conseguiu uma cátedra na Faculdade de Direito do Recife. Foi o patrono da Cadeira nº 38 da Academia Brasileira de Letras.

O Gênio da Humanidade (trechos)

Sou eu quem assiste às lutas,
Que dentro d'alma se dão,
Quem sonda todas as grutas
Profundas do coração:
Quis ver dos céus o segredo;
Rebelde, sobre um rochedo
Cravado, fui Prometeu;
Tive sede do infinito,
Gênio, feliz ou maldito,
A Humanidade sou eu.

Ergo o braço, aceno aos ares,
E o céu se azulando vai;
Estendo a mão sobre os mares,
E os mares dizem: passai!...
Satisfazendo ao anelo
Do bom, do grande e do belo,
Todas as formas tomei:
Com Homero fui poeta,
Com Isaías profeta,
Com Alexandre fui rei.

I - De Mar e Adeus

Plínio Pacheco

Sabes, amiga:
bem fomos com olhos abertos
(pórtico de labirinto),

sabendo que o Rio nos corria
atravessado pela travessia.
Cúmplice do espelho
do qual nossos olhos foram derramados,
um rumor Doce de adeus
os nossos sonhos e areais alvoreceu,
mas o Sal nos manchou de Vazio.
Sim,
o sopro salgado do Enigma
refez-se em âncora de nossos pés,
e do sol em que salvávamos os lábios de amarelo,
restou-nos a palavra em que as mãos se queimam de adeus.
Nós e nossos sonhos...
depostos como máscaras na moldura do silêncio...
Sim, amiga, estreamos um outro silêncio.

Agora com gosto de Mar.

Caririanas (Noites em Rijoca)

José Iran

I.
No intervalo de um soluço e d'uma lágrima
pálida encobrindo os olhos seus,
num instante de silêncio a boca mádida
tímida chamava por um deus.
Mas, embora esse chamado surdo e tétrico
lúcidas respostas não trouxesse,
o olhar fixo, a mão febril, o rosto atônito
subito tecia a mesma prece

II.
Entre as sombras, entre os escombros,
vivendo em meio aos assombros,
sempre triste, vai, passo a passo,
juntando cada pedaço
do que sobrou da última quimera.
Mas não vê, cosendo o retalho,

que com todo esse trabalho
procura só voltar ao que antes era.

As Saudades que Efluem do Peito-fonte

Geraldo Vasconcelos

As saudades que efluem do peito-fonte
afluentes do passado inesquecido
atingem-me a garganta e salgam a voz
afogando o som mancebo sentimento.
Náufrago ao meu peito, o músculo se aperta
em contrações pontudas e doloridas
como inutilmente castelos de praia
derretem-se salgados ao som do mar.
Abraçado às painas, flutuando insone
atravesso noites semanas sem sonhos;
quando fecho os olhos, ouço-te sorrir
e sinto-me entrelaçado em teus cabelos;
quando a luz me traz as cores de mais hoje
asfixiado por ventos sem teu perfume
morro um pouco afogando-me em mim
enquanto vivo mais um dia sem você.

Raul Pompéia



Escritor, autor do clássico romance "O Ateneu"

O Ventre

A atração sideral é uma forma do egoísmo. O equilíbrio dos egoísmos, derivado em turbilhão, faz a ordem nas cousas. Passa-se assim em presença do homem: a fúria sedenta das raízes penetra a terra buscando alimento; na espessura, o leão persegue o antílope; nas frondes, vingam os pomos assassinando as flores. O egoísmo cobiça a destruição. A sede inabrandável do mar tenta beber o rio, o rio pretende dar vazão às nuvens, a nuvem ambiciona sorver o oceano. E vivem perpetuamente as flores, e vivem os animais nas brenhas, e vive a floresta; o rio corre sempre, a nuvem reaparece ainda. Esta luta de morte é o quadro estupendo da vida na terra; como o equilíbrio das atrações ávidas dos mundos, trégua forçada de ódios, apelida-se a paz dos céus. A fome é a suprema doutrina. Consumir é a lei. A chama devora e cintila; a terra devora e floresce; o tigre devora e ama. O abismo preenhe de auroras alimenta-se de séculos.

A ordem social também é o turbilhão perene ao redor de um centro. Giram as instituições, gravitam as hipocrisias, passam os Estados, bradam as cidades... O ventre, soberano como um deus, preside e engorda.

Fagocitose

Glerger Sabiá

As pessoas querem máquinas fotográficas
E compram celular
As pessoas querem video-games
E compram celular
As pessoas querem máquinas datilográficas
E compram celular

As pessoas querem televisor
E compram celular
As pessoas não querem
E compram celular

E com tudo isso enchem a palma da mão
E ficam cheios de si
E, contudo, ficam cheios, de si
E tentam mudar
Comprando um novo modelo de celular

Os indivíduos querem perceber
E compram celular
Os indivíduos querem se divertir
E compram celular
Os indivíduos querem se comunicar
E compram celular
Os indivíduos querem esquecer
E compram celular
Os indivíduos querem
E compram celular

E com tudo isso enchem uma célula
E ficam vazios de si
E, contudo, ficam cheios, de si
E tentam mudar
Comprando um novo modelo de celular

Celular de all star vermelho
Celular de gravata
Celulares esbarrando nas ruas
Celular telefonando no orelhão
Celular gritando no silencioso
Celular vibrando (euforia ou frio?)

Tudo é celular
Enchem a célula e ficam vazios
Células polifônicas
Células coloridas
Células instantâneas
Metástase!

As coisas querem prazer
As coisas querem viver
As coisas querem escolher
Mas saem da sala pra atender o celular.

Admirável Mundo Novo

Vitor Neves Souza

É tanto o progresso neste mundo
De folha corrida e papel timbrado
Que só se vê pecado em tua face
Por este orçamento seu da mesmice.
Pecado de apaixonar-se, enquanto
Se lhe exige um trabalho prescrito;
Pecado de ter, no rosto, um sorriso,
Ao dever-se a tal pequenez descaso.
Em nome da ciência, estou longe
Do que me é, aos olhos, beleza em vida
E de meu peito os pulsos exige.
Abre-se, no afeto, uma outra ferida
Pelo cifrão que a tudo domina hoje:
Pena! Não sou indiferente, querida.

Saudade

Lara Sampaio

Angústia partida
Despedida
Partida
Lágrimas,
Lágrimas
Tolice:
Essa curva é conhecida.
E breve.

Outras personagens

Schoudra

Onde descobrimos outras personagens:
Em segredo vejo duas caras: costas e bucho.
Uma é Paulette e sua sapiência acumulada;
Outra geme tísica, e castro: é Castro!
Recentemente estive sentado,
imóvel à sombra da velha árvore
escutei o bucho roncando,
suavemente, como quem ouve Libertango..

Senti as pernas trêmulas,
Quis sorrir, mas chorei.
Que espero da vida?
Tudo que rasteja, ou saltita?
Ser poeta, pássaro, louco, Ezra Pound?
Nada disso! Não quero ser. Quero ter!

Quero ter o bucho de Paulo Freyre,
A sapiência abdominal deste pedagogo!
E a leveza tênue e tísica de Castro Alves!

As costas magras de Castro e o bucho de Paulette
Castro e Paulette estudaram aqui
E deixaram o saber o saber jurídico
Na Ferrugem necessária.

Bendito seja Paulo que não seguiu carreira
Que ama os botecos e a preguiça,
Perdoem meu modo de pensar,
É que quero ser assim, preguiçoso.

Lanço cuspis ao ar, como meditação,
Esses cuspis caem na carne do Espírito
Mais apolíniaco e filisteu:
"Castro era mal aluno como eu!!!"
Dormia ao dia e perdia aulas

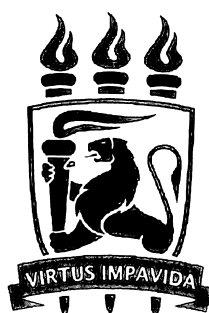
És fiel à própria decência:
És sempre o mesmo, entre ou saia o sol?
Mas isto é sintoma só do ser humano:
ser sempre sempre sano.

Castro me falou prá ser Vamp como sou
E Paulette também era mestre de meu avô

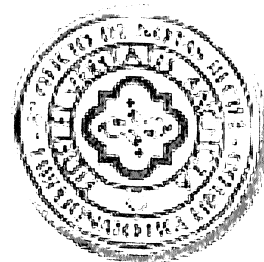
Agora eu acredito em recuperação
E também sei que a sorte, nunca me negue não!
Nunca me negue não!
Nunca me negue
Não!!

APOIO

Lima & Falcão
ADVOCADOS



UFPE



Tabelionato Figueiredo
8o Ofício de Notas do Recife



União dos Estudantes
de Pernambuco